

POVO

ALGARVIO

semanário Regionalista

Director, Editor e Proprietário
Manuel Virgínio Pires

Redacção e Administração
 Rua Dr. Parreira 13-Telef. 127-TAVIRA

Composição e Impressão
 Tipografia «POVO ALGARVIO», Telef. 233 - TAVIRA

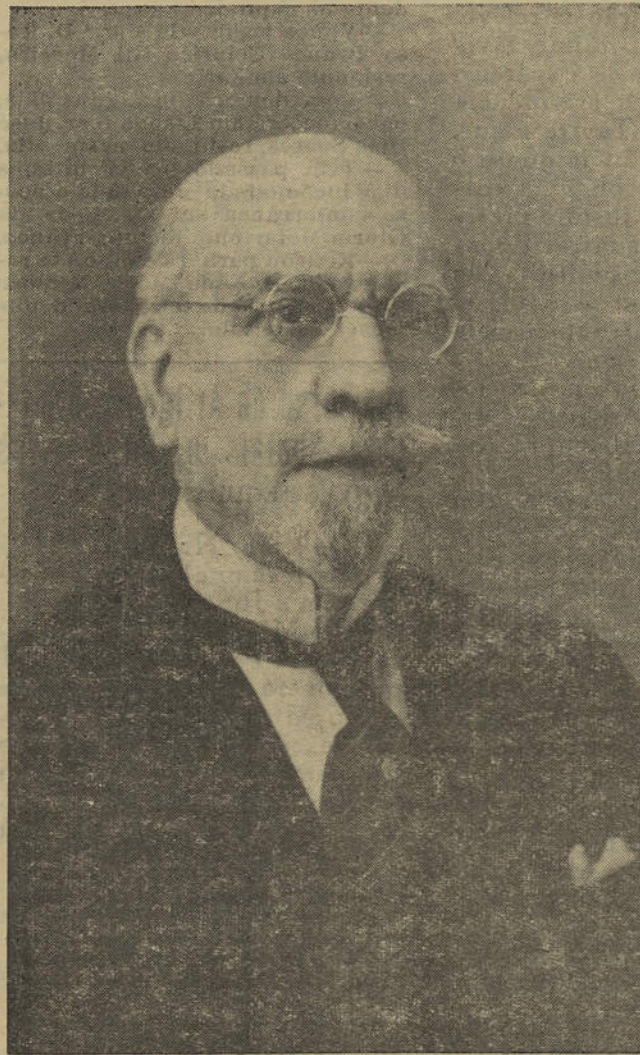


António Cabreira

no 8.º aniversário da sua morte

No próximo dia 22 do corrente, passa o 10.º aniversário do falecimento dessa figura ilustre de taviense que foi o Dr. António da Guarda Cabreira.

Pelos seus méritos elevou-se ao limbo das academias nacionais e estrangeiras deixando assinalada a sua passagem com trabalhos eruditos.



António Cabreira, licenciado em Ciências matemáticas pela Faculdade de Ciências de Lisboa, salientou-se pelos seus dotes de inteligência e pelas suas faculdades de trabalho legando valiosos pergaminhos à posteridade.

O seu valor não oferece contestação, afirmam-no os numerosos estudos publicados e as apreciações feitas pelos sábios de todo o mundo.

Filho extremamente desta velha cidade do Gilão, descendente duma nobre estirpe de valores marcou a letras de ouro a sua passagem através do mun-

do científico e literário. Nunca os brasões que herdara dos seus antepassados nem os prémios que orgulhosamente conquistara nas Academias perturbaram o seu espírito ou modificaram a lhanza do seu trato com as humildes figuras da sua terra.

Tinha o condão do amor do próximo e toda a sua vaidade se definia em ser útil aos conterrâneos que dele se abeiravam ou em pugnar pelo progresso do seu torrão natal.

Desde longa data que passava a época calma em Tavira. Vinha aqui matar saudades dos seus tempos de criança e certamente dos seus primeiros arrubos de escritor. Quantas vezes o vimos sentado num dos bancos do jardim público, a noite, ouvindo deliciado os concertos da antiga Banda Municipal!

Dele se abeiravam alguns amigos e admiradores os quais recebia sempre com requintes de gentileza e exímio psicólogo como era, sabia logo conduzir a sua conversa, sempre atraen-

Continua na 3.ª página

Banda de Tavira

Sob a regência de Sebastião Leiria, realiza esta Banda um concerto hoje, dia 19, das 15 às 17 horas, com o seguinte programa:

I PARTE

- Barbarismos - D. P. S. Leiria
- Le Chant des Anges - Ouv. B. da Costa
- Moment Musical Schubert
- La Viagécita - Zarz. Caballero

II PARTE

- Cantos Populares - Rapódia F. Barros
- La Revérte - P. P. Encarnação

Continua na 3.ª página

Escola Técnica de Tavira

— Alguns alunos deste estabelecimento de ensino, conduzido pelos professores das disciplinas de Desenho e de Língua e História Pátria, visitaram no dia 14 deste mês, a Casa dos Pescadores de Tavira.

Esta primeira visita cultural resultou de muito agrado e proveito, por terem eles assim «vivido» de perto aquela modelar obra de corporativismo.

— O telefone daquela Escola, foi recentemente instalado, e tem o n.º 238 — Tavira.

— A secretaria escolar, continuará instalada no edifício da Câmara Municipal de Tavira, durante o mês de Novembro.

— Importantes empresas comerciais, industriais e agrícolas, continuam a oferecer aos alunos, bastante material de publicidade o que para todos representa proveito.

— À Escola têm surgido pedidos de matrícula de novos alunos, e que esta não tem podido já satisfazer, por se encontrar já o ano lectivo em pleno funcionamento.



Em 22 de Abril de 1960, o sr. Dr. Jorge Correia recebeu a honrosa visita do sr. Ministro das Finanças, a quem solicitou o seu prestimoso auxílio para o progresso do concelho.

Vacinação Antirábica

As vacinações anti-rábicas têm lugar, para as freguesias de Santa Maria e Sant'ago, todos os dias úteis, às 11 horas, no Mercado Municipal.

No dia 23, às 11 horas, na Concelhia de Tavira, e em Santo Estêvão às 14 horas do mesmo dia.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

TAVIRA

na Assembleia Nacional

Lalgures: a personalidade pode definir-se como a característica de um indivíduo que toma consciência de si mesmo e que é o senhor dos seus actos.

«A personalidade exige uma série de valores, sem o que, não será mais que um pássaro sem asas ou de asas cortadas».

Isto vem a propósito da

nossa cidade, a nossa Tavira, depois de uma época de «completo adormecimento», votada a um esquecimento imperdoável, negando-se-lhe o direito e a razão da sua sobrevivência como terra que foi grande na História do País, voltar a ter a personalidade perdida, aquela personalidade que deu à cidade de D. Paio brilhantes páginas de glória e de maravilhosos surtos de progresso, que a tornou grande, colocando-se em lugar cimeiro na escada do rejuvenescimento.

É caso para se dizer: nem sempre o diabo...

Há cerca de uns bons dez anos, uma figura de taviense, dos muitos que mourejam nesta Lisboa e que nunca no seu coração deixou de guardar um grande amor pela sua terra natal dizia-me, ao ver a terra que muito estremecia, votada a um injustificado esqueci-

Desastre de aviação

No recente desastre de aviação, ocorrido em Angola, que enlutou as Forças Armadas Portuguesas e no qual pereceram dezoito bravos militares, alguns deles das mais elevadas patentes, conforme toda a nossa imprensa já noticiou, entre as vítimas figurou um jovem descendente de tavienses.

O Tenente José Manuel Boavida Chagas, piloto-navegador, de 26 anos, natural de Lisboa, filho do nosso prezado amigo e conterrâneo sr. General Francisco António das Chagas e de sua esposa sr.ª D. Maria Ricardina Boavida Chagas e neto do sr. José Boliquireme, residente nesta cidade.

Também no trágico desastre succumbiu um algarvio, o Alferes miliciano piloto-aviador, sr. Arnaldo Luzia da Silva, de 25 anos, natural de Faro. Era filho da sr.ª D. Joaquina Teresa e do sr. Virgílio da Silva e deixa viúva a sr.ª D. Maria Fernanda Guerreiro Mariano, com quem casara no mês de Outubro passado.

Endereçamos as nossas sentidas condolências às famílias enlutadas por tão rude golpe sofrido.

RONDA À PRINCIPAL

OFICIAL da ronda afeiou o cinturão, traçou o beldrie e suspendeu a espada no talim.

Já à porta, soprou o castiçal, saiu para a rua que se lhe afigurou a galeria duma gruta subterrânea.

— Frio e escuro — monologou, atentando no trilho. Deu volta ao Buraco, torceu ao poço da Mó-Alta, desceu a Rua do Mau-Foro em direitura às

Portas da Afeição onde a sentinela da cadeia espantava o sono e o frio batendo na calçada grossa as cardas das botas. Esta, ao sentir os passos do seu superior parou e perfilou-se para apresentar armas.

Em frente, entre a capela da Senhora da Consolação e a casa da guarda luzia mal-mal a lanterna mortíça.

O oficial seguia atento ao trilho, cucando as poças de água, refugiando-se no passeio

— Agora, ronda à Principal — ordenou a si mesmo

Continua na 2.ª página

Há que desenvolver a industrialização dos frutos secos, porque «Industrializando mais, agriculta-se melhor»

Boletim do Fomento de Exportação — Fundexport — continua a divulgar preciosas doutrinas para o fomento nacional. Depois do que já referimos acerca da próspera organização das cooperativas rurais da Bélgica, no n.º de 12 do corrente demonstra bem à evidência como a indústria pode provocar o necessário fenómeno da excitação agrícola, dado que da nossa agricultura pouco há que esperar no estado em que se encontra, afirmando que a indústria não só cria riqueza para si, mas também força o desenvolvimento e o progresso da agricultura. E demonstra-o com a argumen-

TROVA

O teu olhar enlevado,
 Tão meigo como o luar,
 Faz-me sonhar acordado,
 E a dormir faz-me acordar...

Isidoro Pires

Continua na 2.ª página

Há que desenvolver a industrialização dos frutos secos, porque «Industrializando mais, agriculta-se melhor»

Continuação da 1.ª página

tação, que preferimos transcrever para não ser alterada a sua clareza: ...«quando se instala uma indústria numa zona, até então puramente rural, logo se alteram, para melhor, as condições de vida da população local. A fábrica passa a constituir um polo de fixação da mão-de-obra, que provoca maior ou menor rarefação nesse mercado de trabalho. Os salários industriais são, por via de regra, mais elevados do que os rurais. Tornando-se a mão de obra rural menos abundante, a agricultura é forçada a pagar jornas que se aproximam dos salários fabris. Para fazer face a este acréscimo de despesa, o agricultor tem de procurar tirar maior rendimento de cada um dos seus hectares de terra. Paralelamente, a elevação do nível de salários provoca aumento de poder de compra e, logo, maior procura para os géneros essenciais, especialmente produtos da terra. Este acréscimo de procura leva a uma elevação nos preços pagos à lavoura pelos seus produtos. Por esta forma, o agricultor está duplamente interessado em aumentar o rendimento das suas terras: Por um lado, um preço mais compensador vai estimular a produção; por outro lado, a alta dos salários obriga à tirar da terra mais do que ela dava antes». E remata assim: ...«portanto, sem receio de errar, industrializando mais, agriculta-se melhor».

Haverá províncias mais produtoras de frutos industrializáveis, mas o Algarve tem, só nos frutos secos, matéria prima riquíssima e abundante para o seu desenvolvimento industrial, sem que para isso necessite subsídio de outra; só falta que surjam iniciativas, porque capital, se o não tem para tanto, seria oportuno que viesse agora o incentivo e o auxílio do Estado.

Alfarroba — Parece-nos de considerar em primeiro lugar a alfarroba, que já se sabe está sendo aproveitada no estrangeiro para uns 30 valiosos produtos. Que valor poderia atingir o fruto na riqueza agrícola; que contributo resultaria dessa iniciativa para a prosperidade industrial e para a fixação da mão-de-obra, que procura emigrar; que melhoria adviria para o orçamento nacional da consequente tributação e da redução de divisas?

Amêndoa — Já aqui disse-mos que, embora a amêndoa não seja fruto tão industrializável como a alfarroba, deve dar-se-lhe o devido lugar, não só por constituir precioso alimento do homem, que não pode deixar as gorduras de origem doçaria regional algarvia sem por base o miolo da amêndoa, mas ainda porque na mesma unidade de peso tem valor muito superior a qualquer dos

outros frutos secos, devendo notar-se que o Algarve figura com as suas amendoeiras em primeiro lugar entre as restantes províncias. Com vista ao progresso industrial, já sugerimos que no Algarve devia merecer interesse económico introduzir na indústria dos doces regionais o fabrico do torrão de amêndoa torrada e mel, mais conhecido por *nógado*, ou aproveitar uma receita do tipo do torrão de Alicante, do qual já em 1959 a Espanha conseguia escoar 1.800 toneladas de amêndoa, outras tantas toneladas de açúcar e mel e 4 toneladas de claras de ovos, fabricando cerca de 10.000 toneladas de torrão. É de considerar que a nossa Província tem a principal matéria prima — amêndoa, mel e pinhão — e de ponderar quão importante viria a ser o desenvolvimento agrícola do País com a procura duma maior produção destes 3 elementos.

Figo — Também a figueira e ao seu fruto, que é alimento importante do povo, cabe papel de relevo na economia nacional e da província algarvia, a maior produtora de figos, computando-se numa produção total média de 65.400 toneladas que por vezes não é absorvida pelo consumo, surgindo, em anos duma colheita normal, dificuldades para a colocação total nos mercados interno e externo. Por isso é evidente a necessidade de intensificar a industrialização do figo e de se exigir ao produtor e ao comerciante o maior esmero no cultivo e apresentação do fruto, se quisermos vencer a forte concorrência, especialmente da Turquia, e por ventura reconquistarmos importantes mercados estrangeiros, que já perdemos.

Rotary Club de Faro

Sob a presidência do sr. Francisco Guerreiro Barroso, secretário do sr. Arthur Serrão e Silva, teve lugar a reunião semanal do Rotary Club de Faro, à qual assistiu grande número de sócios.

O presidente ao iniciar os trabalhos apresentou a flâmula do Rotary Club de Vila Franca de Xira, a primeira flâmula recebida em Faro — a qual foi acolhida pelos rotários presentes com uma calorosa salva de palmas.

O sr. Benigno Cruz fez referência ao Boletim do Comité-Franco Português do Rotary Internacional, no qual já se faz referência à existência do primeiro Club Rotário do Algarve.

Para fazer uma comunicação de carácter interno, usou também da palavra o sr. Dr. Manuel Gonçalves.

Ao encerrar a reunião o presidente falou do companheirismo que se vive em Rotary, exultando-se em considerações que testemunham o entusiasmo reinante no seu Club que, assim, se vai integrando no salutar movimento de amizade entre os verdadeiros rotários, por isso não da próxima semana fará a palestra o sr. Dr. João de Passos Valente, que versará o tema: «Acerca da Pintura — O Impressionismo».

Ronda à Principal

Continuação da 1.ª Página

para afastar certo mau pensamento que o perseguia, mau grado seu, pungindo os seus brios militares.

Quando começava a tranquilizar-se, ao dobrar a esquina que dá para as escadinhas da Misericórdia, eis que a «coisa» avança a interceptar-lhe o caminho.

Não teve tempo de estugar o passo, aproximando-se da outra sentinela, não lhe sofria o ânimo cozer-se com a parede e deixar o campo livre ao espectro.

Então, irritado, endireitando o busto, à Saldanha, puxou dos copos da espada e atravessou-a no caminho da aventesma, berrando com voz stentórica:

— Se dá mais um passo, com esta o trespasso!

O silêncio era tão absoluto que se ouvia o chap-chap da enchente de encontro aos talhamares da ponte.

Das alturas de Sant'Ana, um ventinho gelado encrespava o dorso do rio.

Debaixo da barretina os cíbeles do oficial da ronda encrespavam-se também e, das fontes, desciam bagas de suor frio, que iam confluír na pera arrebitada.

* * *

A «coisa» tinha passeado a alta estatura, solenemente, pelo Pátio das Vacas, Terreiro de D. Ana, Galeria, e descido majestosa a rua das Tumbas, até ao portal da igreja.

Voavam-lhe ao vento as fraldas do toucado. Descia agora as escadinhas e dirigia-se, magnífica, à Rua Nova Pequena, como usava fazer, senhora da cidade, respeitosa e recolhida em suas casas, com defumadoiros pelos quartos e lamparinas ante as imagens piedosas.

Ante aquela interceptação inopinada e desrespeitosa para o seu prestígio de espectro, à El-senor, a «coisa» estacou, quase humilde, e, em tom conciliante, volveu:

— Alto lá, meu amigo. Para essa não venho eu prevenido! — e dos maus lençóis amarrados com nastros saiu a mão que apontava a lâmina da espada.

Mas o timbre da voz bastou para que o oficial da ronda se afastasse confuso, comentando para os botões do dolman:

— Diacho de homem, de que se havia de lembrar! Em histórias de fantasmas, *cherchez la dame*, por isso eu nunca tenho medo.

E depois de passar à Principal, subiu à Graça, achando pouca graça ao fantasma que se lhe instalava agora no espírito sob a forma dum segredo delicado que não desejaria traír.

vidraça de quadradinhos, miudos, por trás da adufa, olho mau e espreitador viu tudo; e no outro dia, língua desembaraçada serviu tão bem olho mau, que quando o oficial da ronda se levantou, já o impedido relatava à criada os acontecimentos fantásticos daquela noite de ronda.

Desde aí a tradição, com pequenas variantes, tem transmitido a ocorrência que se arquiva hoje nas colunas respeitáveis do velho semanário regional.

Emílio Campos Coroa

Médico especialista

Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Montepio dos Artistas, todas as sextas-feiras pelas 11 horas

TAVIRA

na Assembleia Nacional

Continuação da 1.ª Página

mento dos homens: «é lá possível Tavira caminhar na senda do progresso, sem que adquira personalidade? Pois que as terras são como os homens. Elas valem pelo que os seus filhos possam valer».

E nada mais certo.

Os anos rodaram, e um dia Tavira acordou sob novo signo. Surgiu uma figura que já vinha dando provas, desde rapaz, nos lugares e postos para que tinha sido chamado, de alguém que, pelos seus méritos e valor, aliados às suas convicções políticas e que eram a de um indefectível e dedicado nacionalista, servindo com apuro e senso político o regime onde se integrou, desde os alvares da Legião Portuguesa, onde deu os seus primeiros passos, passando depois pela Comissão Concelhia da União Nacional de que foi seu presidente durante alguns anos, onde marcou posição de relevo.

Essa figura de lídimo tavirense que em 25 de Fevereiro de 1959 assumia a presidência do município de Tavira e que, decorridos que vão já quase 3 anos, realizando obra de vulto, teve agora o justo e merecido prémio das suas actividades e dedicação políticas do Estado Novo: um assento em S. Bento, como Deputado pela sua e nossa província.

Tavira, vai pela mão do jovem Dr. Jorge Augusto Correia, entrar no Palácio da Assembleia Nacional!

Mais uma vez, e isto ao fim de algumas dezenas de anos, a cidade do Gilão passa a ter no nosso Parlamento um seu filho, pois que ali já tiveram assento outros tavirenses ilustres.

Tavira, adquiriu novamente a sua personalidade e, sem ela, não tenhamos dúvidas, não tínhamos a Escola Técnica nem a Horta d'El Rei apropriada, nem a Barra desassoreada, e em vésperas de termos a Comissão de Turismo, que virá valorizar esta linda e rica zona turística, bem como a sua Praia, e o prometido Palácio da Justiça.

Razão tinha, pois, aquele nosso conterrâneo, quando dizia: «olhe meu caro Peres, Tavira, para progredir, tem de ter primeiro personalidade».

Agora que a «batalha de Tavira» está ganha pelo dinamismo e férrea vontade de um tavirense a todos os títulos digno da terra que o viu nascer e da nossa gratidão, competentes, acertando o passo, apoiando, encorajando-o a que, das suas actividades parlamentares que dentro de dias vai iniciar, possa trazer mais bens morais e materiais para o nosso concelho e para este lindo rincão algarvio.

Se não se aperceberão da honra concedida a um cidadão tavirense, chamado por Salazar ao hemiciclo parlamentar de S. Bento.

Muitos não saberão apreciar o valor que o facto traz para a nossa terra depois de tanto tempo incompreendida e votada ao abandono!

O nável Deputado, estamos certos, saberá, com o mesmo apuro moral e desejo de servir, como até aqui, pugnar pelos interesses da província que o elegeu — não esquecendo a sua terra — fazendo ouvir a voz deste Algarve e desta «Raíña do Séqua», que o considera e o estima como o verdadeiro amigo que a rejuvenesceu e a alcandorou novamente às suas perdas tradições de Cidade do Reino dos Algarves, d'Aquém e d'Além-Mar.

Daqui, desta modesta trincheira, como sempre, pode o Deputado Dr. Jorge Augusto Correia, contar com o nosso sincero e desinteressado apoio,



Pela Província

Castro Marim

Diversas notícias — Com pouca demora esteve nesta vila o sr. Dr. António Baptista Coelho, ilustre Governador Civil deste distrito.

— Encontra-se já em Lisboa, no Hospital de Santo António dos Capuchos, a fim de ser submetida a uma melindrosa intervenção cirúrgica, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria da Encarnação Correia Costa.

— Esteve nesta vila, com sua esposa, o sr. Dr. José Isidro Farrajota Rocheta, distinto médico em Lisboa.

— Com sua esposa esteve nesta localidade o sr. Dr. Joaquim Vaz Palma, distinto médico em Monchique.

— De passagem para Espanha, tivemos o prazer de ver nesta localidade a sr. D. Bella Mês Tenório Gonçalves, residente em Lisboa.

— Retirou para Lisboa, com sua esposa e filhos, o nosso conterrâneo sr. Hugo Celorico Drago, residente na capital.

— Vimos nesta vila a sr.ª D. Rosa Branca Celorico Gil Moreira, residente em Faro.

— Com demora de alguns dias, permanecerá em Lisboa o sr. José Dias Soares, residente nesta vila.

— Tem passado nestes últimos dias incomodada de saúde a nossa conterrânea sr.ª D. Maria da Glória Molarinho Jacinto Franco.

— Retirou para Tavira, onde reside, a sr. D. Auda Maria Mimoso Faisca, depois de ter passado uns meses nesta vila. — C.

Concurso de Artigos sobre temas Sociais e Corporativos

REGULAMENTO

O Grémio Nacional da Imprensa Regional em colaboração com a Junta da Acção Social, do Ministério das Corporações e Previdência Social, promoverá semestralmente um concurso entre os colaboradores dos jornais seus agremiados com o fim de premiar os melhores artigos sobre doutrina social e corporativa e a melhor reportagem relacionada com a segurança no trabalho, que neles se publiquem durante um certo período.

Concurso subordinar-se-á seguinte regulamento:

Art.º 1.º — Podem habilitar-se a este concurso os trabalhos publicados nos jornais acima referidos, entre 1 de Janeiro e 30 de Junho e entre 1 de Julho e 31 de Dezembro.

Art.º 2.º — Para este efeito os autores interessados deverão enviar seis exemplares dos jornais em que se publica o artigo ou reportagem com que concorrem para a sede do Grémio Nacional da Imprensa Regional na Avenida Almirante Reis, Janeiro, respectivamente.

Único — Os exemplares dos jornais em causa deverão ser acompanhados de carta ou postal de inscrição no concurso, cuja assinatura corresponda ao nome do autor dos trabalhos.

Art.º 3.º — Serão atribuídos aos artigos de doutrina social e corporativa os seguintes prémios que a Junta da Acção Social oferece: 1.º, 3.000\$00; 2.º, 2.000\$00; 3.º, 1.500\$00; 4.º, 1.000\$00; 5.º, 800\$00; 6.º a 10.º, 500\$00; 11.º a 15.º, 300\$00.

VENDE-SE

Por motivo de retirada, barco a motor de passageiros, que também serve para agência de vapores ou pesca. Motor de 75 H. P., estado novo. Estando a trabalhar entre Faro e suas praias. Vende-se por metade do seu valor.

Tratar na Rua do Compromisso, 70 — Faro.

formulando ardentes votos pelas suas novas actividades políticas, a bem de Portugal, do Algarve e de Tavira!

Mosaicos Leão



Indústria Tavirense

Fabricação garantida com excelente matéria prima. Executam-se em todas as cores e modelos. Os mosaicos preferidos pelos construtores pela sua qualidade e duração.

Fabricação de mosaicos de marmorite, pedras para balcão, lavaloças, tubos em cimento, etc. — PREÇOS SEM COMPETENCIA

Dirigir pedidos directamente à

Fábrica de Mosaicos Leão

Rua da Porta Nova, 7 — Telefone 110 — TAVIRA

Preferir os MOSAICOS LEÃO é contribuir para o progresso de TAVIRA

António Cabreira

no 8.º aniversário da sua morte

Continuação da 1.ª Página

te e fulgurante, consoante o grau de cultura do seu interlocutor. Era assim que o octagenário sábio taviense gosava as suas férias, fazendo as honras como figura de elevada representação, da sala de visitas da sua velha e nobre cidade.

É justo salientar neste pagnéirico de saudade que anualmente fazemos à memória do Dr. António Cabreira e que recebemos como herança do seu velho e também saudoso amigo, o poeta Isidoro Pires, que o insigne taviense não legou apenas à sua terra um nome honroso como também algo do seu património.

Não se limitara a fundar um instituto de ensino secundário destinado a ministrar a instrução gratuita à mocidade pobre da sua terra, obra meritória e de grande alcance social que talvez não tivesse sido verdadeiramente compreendida nem devidamente amparada.

Não cessou aqui a sua nobre missão, porque anos depois legou um dos seus prédios à Câmara para ali instalar a Biblioteca Municipal e nas suas disposições testamentais doou à Santa Casa da Misericórdia um dos melhores prédios rústicos que possuía no concelho.

Isto classifica bem o seu sentimento de benfeitor e a nobreza do seu carácter.

Por isso, quando recordamos António Cabreira não recordamos apenas o científico erudito mas também o Homem de coração, o benemérito da instrução pública, a quem Tavira ficou a dever benefícios morais e materiais.

É justo, pois, apresentá-lo à posteridade, como um exemplo digno de taviense na verdadeira acepção da palavra.

O esquecimento significará neste caso ingratidão para com quem deu à sua terra tantas provas do seu afecto.

E para nós, que tivemos o prazer do seu convívio, a amabilidade da sua estima e a gentileza dos seus escritos, António Cabreira viverá sempre na nossa recordação.

Por isso, a data de 22 de Novembro, será assinalada por nós como preito de homenagem a essa prestigiosa figura que a morte tomou, apeando-a da galeria dos nossos melhores colaboradores.

Resta-nos pois a saudade que, como muito bem definiu o escritor Coelho Neto, é um fogo-fátuo — é o santelmo de alma — erra por ela como a chama feral pelos cemitérios: é a luz curial que fica para aquecer-nos na hora da desesperança. A saudade é a alma de todos os amores, alma imortal e triste — perdura, fica eternamente, ainda que o afecto desfaleça e morra.

COURELA

Vende-se, no sítio de Vale Caranguejo, junto à Cooperativa dos Olivicultores, na estrada de Vila Real, com amendoeiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Aceitam-se propostas em carta fechada, reservando o direito de não se entregar caso a proposta mais alta não convenha. Dirigir propostas à Tabacaria Centeno.

VENDEM-SE

Casas em Tavira e Monte Gordo

Tratar com José Joaquim Ferreira, Suc.

Um surto de renovação

na política social portuguesa

Continuação da 1.ª Página

tro milhão de contos na execução dos programas de fomento habitacional que traçou.

As estatísticas não mentem e são insusceptíveis de interpretações diversas, embora se prestem, para aqueles que tudo subordinam a ideia de crítica política, a juízos erróneos mas facilmente denunciáveis. E as estatísticas provam que efectivamente se assiste no nosso país, relativamente a política social, a um notabilíssimo surto de renovação, inspirado nos princípios de justiça que informam o regime corporativo que estrutura a Nação portuguesa.

Exemplo desse surto de renovação são as inaugurações a que o titular da pasta das Corporações procedeu recentemente no distrito de Castelo Branco. A informação com que abre este artigo foi produzida por aquele membro do Governo no acto inaugural do posto médico-social da Federação das Caixas de Previdência na sede do distrito (que ficou a ser a unidade assistencial mais moderna, pelo seu apetrechamento, da referida Federação) o no mesmo dia o Ministro inaugurava uma Casa do Povo, em Alcains, e na Cavilhã visitava o bairro de casas de renda económica ali em construção, os terrenos escolhidos para edificação de um novo bairro, também destinado a trabalhadores, e aqueles onde vai ser erguido o posto médico de uma Caixa Sindical de Previdência do distrito.

Dispensam comentários, na verdade, tais realizações — as que já foram levadas a cabo, as que estão em curso e as que se anunciam. Exprimem, melhor do que quaisquer afirmações, excelência das bases de acção da política social portuguesa, agora felizmente registando um surto renovador de que há ainda muito a esperar.

Subvenção de família, pensão de preço de sangue e subsídio temporário enquanto a pensão de sangue não for atribuída, a conceder às famílias dos militares

Conforme notícias oportunamente difundidas pelos órgãos, as famílias dos militares falecidos em defesa da Pátria têm, nas condições previstas na Lei, direito à pensão de preço de sangue e enquanto esta não for fixada, devem requerer um subsídio que lhes será atribuído, temporariamente, nos termos do Decreto-Lei N.º 43811, de 21-7-1961, até à data em que começam a receber a respectiva pensão de sangue.

Por outro lado, também foi instituída pelo Decreto-Lei N.º 43823 uma subvenção de família a conceder às prações casadas ou solteiras em serviço no Ultramar e, em certas condições, na Metrópole, que tenham família a seu exclusivo cargo, e não possuem meios de subsistência.

Com o objectivo de facilitar às famílias, que se julguem com direito, a obtenção da pensão, subsídio ou subvenção acima referidos, o Serviço de Informação Pública das Forças Armadas, com sede no Departamento da Defesa Nacional, Rua da Cova da Moura N.º 1, Lisboa, faculta às famílias interessadas as normas dos requerimentos e as relações dos demais documentos que os requerentes devem entregar nas instâncias oficiais, as quais podem ser pedidas pessoalmente ou por carta endereçada a este Serviço.

O «Povo Algarvio» vende-se em Lisboa, no Parque Mayer, na Tabacaria Jaime da Silva.

Notícias Pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos:

Hoje — D. Irene da Conceição Pereira, D. Maria Odete Arrais Martins, menina Isabel Maria Entrudo dos Santos e os srs. Gilberto da Costa e José Chagas.

Em 20 — D. Maria Gabriela Padinha Contreiras Pinto Coelho, D. Maria da Conceição Viegas, meninas Maria Ribeiro Rosa, Maria Aurizlia Félix Sousa Anica e os srs. Joaquim António da Silva.

Em 21 — D. Maria Luisa da Silva Modesto, meninos Daniel Sebastião Simplicio da Cruz e Luis Carlos Vicente Correia e o sr. António José Correia.

Em 22 — D. Maria Cecília Arriegas Bento, D. Clarice da Palma Vaz, D. Maria José Messias Martins e o sr. Luis Filipe Magalhães Palma Rodeia.

Em 23 — D. Maria Aliete Neto Gonçalves, Mlle Maria Clementina Nascimento e o sr. Alfredo Augusto Baptista Peres.

Em 24 — D. Maria Firmina Viegas e os srs. João da Cruz, Avelino João da Cruz, João das Chagas Neves, Joaquim Neto Afonso, João Alberto Mendes Mascarenhas e João Jorge Zacarias Correia Dourado.

Em 25 — D. Maria do Carmo Sousa Lopes Pascoa, D. Eulália Gonçalves Baptista, meninos Nelson Manuel Correia Matos Durão, Luis Manuel de Melo e Horta e o sr. Manuel dos Santos Prado.

Necrologia

Domingos José Soares

Faleceu há dias em Elvas, em casa de sua filha, onde há anos residia, o nosso conterrâneo sr. Domingos José Soares, viúvo, funcionário aposentado da Câmara de Tavira.

Era pai das senhoras D. Maria Carlota Soares Coelho e D. Maria Caetana Soares de Sá e do nosso prezado amigo sr. Domingos José Júnior, residente no Porto; sogro dos srs. João Viegas Ferreira Coelho, sub-chefe de musica, aposentado e Joaquim de Sá Júnior proprietário, em Elvas, e avô do também nosso conterrâneo sr. Eng.º Agrônomo José Alberto Soares Chaves, funcionário do Posto Agrário de Sotavento do Algarve, com sede nesta cidade.

A sua morte foi muito sentida nesta cidade onde gosava de muitas simpatias.

José Henrique Valentim

No passado dia 13 do corrente, faleceu nesta cidade o sr. José Henrique Valentim, de 66 anos de idade, natural da freguesia de Santo Estevão, proprietário, residente em Tavira. O falecido deixa viúva a sr.ª D. Maria da Encarnação e era pai do sr. Abílio Henrique da Encarnação, proprietário e sogro da sr.ª D. Maria Tomé Pinto Corvo da Encarnação.

O seu funeral foi bastante concorrido.

António Aurélio Laranjo

No dia 13 do corrente, faleceu o sr. António Aurélio Laranjo, de 64 anos de idade, natural e residente em Tavira.

Era esposo da sr.ª D. Almerinda Eulália Palma e pai das sr.ªs D. Sítela Palma Laranjo Frade e D. Maria Amélia Laranjo Frade.

No seu funeral incorporaram-se muitas pessoas pois o extinto pela sua popularidade era muito estimado.

D. Maria da Piedade Lamas de Aboim Ascensão da Sande Lemos

Faleceu em Lisboa, no passado domingo, a sr.ª D. Maria da Piedade Lamas de Aboim Ascensão da Sande Lemos, esposa do sr. Coronel Engenheiro Manuel Aboim Ascensão da Sande Lemos e mãe da sr.ª D. Maria da Piedade Aboim Ascensão de Sande Lemos e dos srs. Engenheiro Agrônomo Rodrigo de Aboim Ascensão de Sande Lemos e Dr. António de Aboim Ascensão de Sande Lemos, sogra da sr.ª D. Maria da Conceição Pizarro de Sampaio e Melo de Sande Lemos e do sr. Dr. António de Oliveira Ramos Ascensão.

Os seus restos mortais foram transportados em auto-fúnebre para Faro, onde se realizou o funeral para o jazigo de família, no Cemitério da Esperança.

No préstito fúnebre incorporaram-se centenas de pessoas das mais elevadas categorias sociais da cidade.

O «Povo Algarvio» endereça às famílias enlutadas sentidos pésames.

Grémio da Lavoura de Tavira

Batata-semente Está aberta a inscrição dos produtores que pretendam comprar batata de semente nacional, depositando os interessados a importância de 20\$00 por cada saco requisitado.

Tavira, 13 de Novembro, de 1961.

A Direcção

1.º Salão Algarvio de Arte Fotográfica

O Interesse pelo 1.º Salão Algarvio de Arte Fotográfica, a que o «Povo Algarvio» gostosamente deu o seu patrocínio, embora este certamente só admita temas de carácter regional, transcende já as fronteiras portuguesas. Por isso, o Dr. Ezio Crosi, director de Fotografia, a grande revista italiana de arte e fotografia, que se publica em Milão (Via Brera, 16), escreveu ao Circulo Cultural do Algarve, informando que aquela revista mensal publicará, no seu próximo número, uma notícia sobre o 1.º Salão Algarvio, e solicitando várias informações sobre o mesmo.

É deveras lisonjeiro para o Algarve o interesse pessoal do director de Fotografia, porquanto o Dr. Ezio Crosi publica todos os anos um «Anuário Internacional de Fotografia», onde colaboram os melhores fotógrafos do Mundo inteiro, sendo uma honra para qualquer fotógrafo merecer interesse ao Dr. Crosi e ter trabalhos seus publicados nessa colecção anual de fotografias, seleccionada pelo Drs. Giulio Corinaldi e Ezio Crori.

Este facto representa mais um incentivo para os fotógrafos algarvios e vem dar-lhes a possibilidade de verem os seus trabalhos incluídos no próximo anuário «Fotografia Del 1963» (que é feito com os melhores trabalhos apresentados durante o próximo ano), o que é deveras interessante e tem um alto alcance para a propagação turística da nossa Província.

No nosso próximo número publicaremos a lista de todas as entidades que patrocinam o 1.º Salão Algarvio de Arte Fotográfica e também a lista dos prémios já recebidos, que, com os prémios anunciados no regulamento, faz um conjunto bastante significativo e invulgar em certas desta natureza.

Anuncial no «Povo Algarvio»

Pomar, arrenda-se

No sítio da Sinagoga, próximo da estrada Santo Estevão — Tavira.

Tratar com Luís Arrais. Recebem-se propostas, reservando o direito de não entregar se o preço não convir.

Trespasa-se

Um estabelecimento, com mercearia e casa de pasto, no sítio de Amaro Gonçalves — Luz de Tavira. Trespasa-se por motivo de reterida,

Quem pretender dirija-se a Luis Eugénio Henrique Bento, no referido local.

Alistamento de Voluntários

Para as Armas e Serviços (excepto Serviço de Material)

1.º — Todos os mancebos que até 31 de Março de 1962 tenham completado 18, 19 ou 20 anos de idade e saibam ler, escrever e contar correctamente, não tendo, porém, as habilitações literárias para a frequência dos Cursos Milicianos, podem ser alistados no Exército no ano de 1962, como voluntários, nos termos dos art.ºs 42.º e 43.º da Lei 1961 de 1937.

2.º — Os interessados farão apenas um requerimento que será entregue na Unidade ou Escola Prática mais próxima da sua residência, directamente ou por interposta pessoa, até 30 de Novembro do corrente ano, imperivelmente.

3.º — Os requerimentos são dirigidos a Sua Excelência o Ministro do Exército e deles deverão constar o nome do requerente, morada, nome do país, data do nascimento, naturalidade, habilitações literárias que possui, Arma a que deseja ser destinado e turno em que deseja ser incorporado, a partir do segundo, inclusive.

4.º — Os interessados ficam desde já avisados de que:

a) — a data da sua comparecimento à Junta de Recrutamento, para efeito de inspecção médica, lhes será comunicada oportunamente;

b) — quando forem chamados para comparecer à Junta de Recrutamento, serão também submetidos a um exame, a fim de se verificar se sabem ler, escrever e contar correctamente, exame de que serão dispensados os que apresentarem certificado de habilitações literárias correspondentes, no mínimo, à 4.ª classe do ensino primário;

c) — os que forem apurados na inspecção médica, serão, desde logo, avisados dos documentos que têm de apresentar no prazo de 40 dias, não sendo incorporados aqueles que os não entregarem dentro do referido prazo;

d) — embora se procure satisfazer os desejos dos interessados, pode suceder não poderem ser destinados às Armas ou aos turnos de incorporação que indicarem nos requerimentos;

e) — os deslocamentos, na ida e regresso, para o local da inspecção e para as Unidades incorporadas serão por conta do Estado.

Para os nossos pobres

Do nosso prezado amigo sr. Capitão Vitor Castela, recebemos a oferta de 20\$00, para os nossos pobres. Em nome dos contemplados agradecemos.

Assinal o «Povo Algarvio»

J. A. PACHECO
TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

ARIA

ARIA é um quadro imenso, desenhado a toda a largura, que Neptuno pintou nesse tamanho para que não houvesse a velocidade de o comprar para decorar uma das paredes de sala, ou de escritório dum desses colecionadores que compram a pintura a metro quadrado...

por António Augusto Santos

Como da «Gioconda», da «Ceia de Cristo», existem várias reproduções, várias miniaturas, mas o original está vedado mesmo aos grandes colecionadores. É um quadro que tem milhares de anos e que nunca sofreu restauração na sua superfície imensa, pois os oiros, os negros melancólicos e os fogos poentinos são da melhor origem, como os vermelhos, os azuis e os amarelos egípcios.

A ría é uma «marinha» esplêndida, sem assinatura, cheia de luz e de vida, que me habituei a ver, como se me fora oferecida. É uma «pintura» séria, que resistiu às escolas, aos estilos, aos abstractos, em negar a si própria, através dos séculos. O Louvre, o Prado, o National Gallery, o Neue Staatsgalerie de Munich, nunca pensaram comprá-lo, porque não se vende — como a consciência pura.

Gosto da ría. Tem a feição duma saia azul bordada a espuma, que veste a capital algarvia. Lembra as saias miúdas muito bordadas a ouro, só lhe faltando os corações... É um quadro em que palpita o sol quando ri em miríades de reflexos, ou se enrugna nas agitações do temporal, ou mesmo quando se decora de veludos, nas horas silenciosas do solpor, como se servisse de fundo a um Rubens precioso.

Foi na sua luz intensa que Besnard copiou toda a «vida» da sua «Manhã»; foi nas suas horas calmas que Pousão «bebeu» todo o narcisismo, com que o seu casario medita na espelhação das águas.

Quando o amanhecer cresce para o zenith, toda a sua amplitude se doira no deflagrar de dois fogos, espelhando-se, fogos que ceçam, ao degladiar-se na pirotécnica da manhã. Céu e mar fundem-se numa luz crua, doirada, intensa de gradação, que se alastra ao azul celeste e o queima...

A ría é um palco imenso, com cenários de «férie», donde as velas partem metalizadas pelo grito da luz, lembrando pavões de Herodes, nas suas penas de jaspe doirado, e à tarde ao regressarem exangues, como pássaros de fogo, feridos de morte, voando até ao derradeiro alento da asa, cruzando o oceano, em migração, para virem morrer no seu acolhimento.

Se a ría despeja, para ir ao mar... deixa os «filhos» numa espécie de campo. Mas os pequeninos rios preferem ficar entretidos a desenhar arabescos azuis, como traça de coloidal. É como não há ría... só, nas suas travessuras de «bébés», fazem os barquinhos à vela ou a remos, contornar os caprichos da sua fantasia, como brinquedos de sala caídos no círculo vicioso do seu bel-prazer. Quando volta, a «mamã» ralha-lhes, mas acaba sempre por envolvê-los no carinho do seu manto azul, tal como naqueles «janeiros» de Colcon, em que o «Avô oceano» ralha com gritos de trovão e barbas praiarais em desalinho. As mães são assim... há milénios.

Se é verão e nem um hálito de brisa embacia a espelhação desse mosaico de ouro, fico a ver como as velas partem, airosas, demandando a barra, como crianças nos seus bibes, rumo à escola. E quando as olho, enternecido, António Nobre vem, mansinho, quase num «frou-frou» de sedas, cantar-me ao ouvido aquelas rimas lusiadas «Anda ver a minha ter-

GAZETILHA

A Cadela, o Nome e... o Padrinho

Cadela, raça «Dobberman», dá pelo nome de Távira, perdeu-se. Gratifica-se a quem indicar o seu paradeiro para a Rua Rosa Araujo, 41 - Telefone 47892.

(Diário de Notícias de 12-11-981)

Em letra bem garrafal
Li há dias num jornal,
Este anúncio de cadela
Com três colunas de largo,
E esbocei um riso amargo
Por causo do nome dela.

Mas entre ela e a cidade
Não vejo conformidade,
E isto apenas quer dizer
Que a Rainha do Gêlo,
Apadrinha qualquer cão,
Mesmo sem o conhecer.

Mas se o dono não assina,
Não percebo patafina,
E laconismo que gela.
Atribuo esta aflição
A ciúmeira de cão
Que anda louco por cadela.

Pobre «Dobberman» perdida,
Que anda sem norte na vida
A procura dum carinho,
Chorando o triste abandono,
Não mais quizes saber do dono
E arrenega do padrinho.

Zé da Rua

O livro «VERSOS», do Poeta Isidoro Pires, encontra-se à venda na Redacção do «Povo Algarvio»

Pinheiros

Vendem-se em pé, os que estão marcados a tal, no pinhal de uma propriedade no sítio do Pinheiro — Luz de Távira, sendo o corte e levantamento, por conta do comprador.

Trata-se na Rua D. Marcelino Franco, 33 — Távira.

VENDE-SE

Casa térrea com duas frentes, na Ruas dos Fumeiros de Diante n.º 16, nesta cidade, que se compõe de 4 compartimentos, corredor e quintal.

Trata-se na Avenida Dr. Teixeira d'Azevedo, 10 — Távira.

ra...» uma voz do além... que continua a declamar a sua eternidade. Depois é João Lúcio, enamorado desta barra, a cantar o seu «Algarve», em rendilhados de ouro e lirismo, como um Apolo que à vasta ribalta da ría ascendeu e ficou a recitar em «fim de festa»... E as velas vão-se dispersando para a vista, umas após outras. São já «formigas» de La Fontaine, que não escutam as «cigarras» da poesia. Apenas duas... uma... Depois somente o horizonte, vazio na linha imensa em que os dois azuis se serziram. À noite desce, como um pano de boca, caindo lentamente sobre um fim de acto enternecedor. Surgem as primeiras luzes no aqui e além da ría, como pirilampus do mar... Tudo começa a enegrecer no contra-luz de Faetonte... E olhando esse fim de poesia, recordo este meu quarteto de há 20, de há 30 anos:

Meu Algarve, formoso e pequenino;
Minha canção de estranha melodia,
Onde aprendi a ler toda a poesia,
Desde os meus tempos idos de menino...

Escurece mais. Toda a superfície da tela se alisa, vazia, abstracta de cor e de luz...

Faro, 9-XI-1961

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

GIL VICENTE

no Palco do «Santo António»

Com a devida vénia, transcrevemos do nosso prezado colega «O Algarve», de Faro o seguinte artigo, do nosso estimado amigo e colaborador Victor Castella:

Como estava anunciado, realizou-se na pretérita terça-feira no «Santo António», o espectáculo, levado a efeito pelo grupo do Círculo Cultural desta cidade, magistralmente dirigido pelo Dr. Emílio Campos Coroa, e que, com fins beneméritos, pretendia dar precioso auxílio à nossa «Casa dos Rapazes». Não se atingiu este objectivo tanto quanto seria de desejar mas, em contrapartida, foi dado ao selecto público, que «compunha» a esplendorosa sala, viver-se uma parcela de vida, de três horas, de alto nível artístico e de delírio espiritual.

Factor primacial e impressionante o da cenografia. Se nos reportarmos ao século XVI em que começam a escrever-se produções teatrais de forma mais regular, destinando-se para elas páteos munidos de palanques para o público e de estrados para os actores, vemos que o cenário é ainda desconhecido. Forra-se o palco de ricos panos e, por vezes, mesmo de lençóis e as indicações cénicas são supridas por letreiros onde se lê o lugar da acção, quando se não apela para o «Coro» (como nas primeiras representações de produções de Shakespeare e dos que o acompanharam no período do renascimento da literatura inglesa). Por via disto até ao princípio do século XVII os espectáculos eram de dia, sendo a única inovação o que ainda hoje se chama «pano de boca». No entanto os primeiros cénicos proliferaram com a célebre escola italiana de Servandoti, pintor-arquitecto e engenheiro. Depois, começa a entender-se à paisagem a coincidir com os melhoramentos de iluminação e generalizando-se os efeitos de luz por transparência. E os cenários e os trajes evoluíram depois, passando pela intervenção da bailarina Sallé, da Ópera Francesa, o actor Lekain e o trágico inglês David Garrick. Vem isto a propósito que não nos surpreendeu o primeiro prémio atribuído, no último Concurso Nacional de Arte Dramática, quanto á encenação, ao muito culto, sabedor, inteligente e desasombrado Dr. Emílio Coroa, a quem, no campo da Arte, já tanto esta cidade deve.

O espectáculo é digno das plateias mais cultas e selectas. Toda a equipa, em bloco, actua com a maior segurança e avontade. Este lar espiritual, criado e mantido, na nossa cidade, pelo Dr. Emílio Coroa, bem merece o carinho e a admiração de todos os algarvios. Que esta célula artística se mantenha com longa vida são os nossos fervorosos votos, a bem da cultura da cidade. Para o Dr. Emílio Coroa e para todos os seus colaboradores — artistas, técnicos e ajudantes — vai o nosso fraternal abraço, a nossa maior admiração e o nosso mais profundo respeito e reconhecimento. Em nome da Comissão Administrativa da «Casa dos Rapazes» apresentamos ao distinto Grupo os mais afectuosos agradecimentos pela sua dádiva, a qual não seria possível se o alto espírito da Direcção do Cinema Santo António, que pôs a sala, graciosamente, à disposição para o espectáculo, se não tivesse evidenciado.

Um hm haja a todos.

ALGARVE Desportivo



Campeonatos Nacionais da I e II Divisões

1.ª Divisão

Atlético 3 — Olhanense 0

O numeroso que se deslocou ao campo da Tapadinha para assistir a este encontro entre alcantarenses e algarvios ficou decepcionado com a actualização dos dois grupos.

Os lisboetas começaram da melhor maneira, com a obtenção do primeiro golo, iam decorridos apenas 4 minutos de jogo, por intermédio do seu centro avançado Carlos Gomes. Volvidos poucos minutos, Peres, perante a apatia dos algarvios, fez 2-0 para a sua equipa.

Assim, perante um onze que se mostrava incapaz de qualquer reacção, os locais jogaram à vontade, sem problemas, e o terceiro e último golo apareceu na sequência duma das muito bem delineadas ofensivas dos donos da casa.

No recomeço, tudo foi diferente. O Olhanense, que até então se mostrara tímido e perturbado, reentrou em campo disposto a modificar o resultado. Na verdade, a maneira como a equipa actuou no segundo tempo merecia ser compensada com, pelo menos, senão o empate, a obtenção de dois golos pois os seus dianteiros, em especial Campos, tiveram inúmeras e boas oportunidades de marcar.

Se no primeiro tempo os cubistas desiludiram, no segundo o Atlético decepcionou.

Os algarvios, com dois extremos mais expeditos, poderiam ter alcançado um resultado surpresa, pois, nos últimos 45 m. os pupilos de André mostraram bem que a vitória alcançada em Coimbra e os empates obtidos frente ao Benfica e ao Porto, não foram obra do acaso mas sim fruto do seu saber, da sua boa moral e da sua aguerridade.

Hoje, no Estádio Padinha, em Olhão, disputa-se a oitava jornada do Nacional, com o encontro:

Olhanense — Cuf

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting	4	2	—	12-3	10
Lusitano	4	1	1	13-3	9
Atlético	4	1	1	15-8	9
Académica	4	—	2	10-11	8
Benfica	2	3	1	13-7	7
Belenenses	2	3	1	12-6	7
Porto	2	3	1	5-4	7
C. U. F.	3	—	3	11-10	6
Olhanense	2	2	2	6-8	6
Beira-Mar	1	2	2	7-15	4
V. Guimarães	1	1	4	8-12	3
Leixões	1	1	3	6-14	3
Salgueiros	1	1	4	4-16	3
S. Covilhã	—	2	4	4-9	2

2.ª Divisão

Farense 4 — Montijo 1

Os algarvios, com a marcação dum golo a 3 minutos do início, julgaram as coisas mais fáceis do que na verdade elas foram.

O Montijo não foi presa fácil para os locais, se bem que qualquer dos grupos não tenha feito exibição agradável. Os 2-1 com que foi atingido o fim do primeiro tempo e a maneira como o encontro estava a decorrer, não era tranquilizador para os alvi-negros.

Na segunda parte os visitantes cometeram o mesmo erro que já vinham fazendo: Em vez do esférico raso, mandavam «balões» para dentro da grande área farense, dando todas as oportunidades à defesa da casa.

Vinagre, em dia de inspiração foi o autor dos golos do Farense.

Sacavenense 3 — Lusitano 0

Golos a mais e futebol a menos eis, em síntese, a partida disputada em Sacavém, em que os algarvios mais uma vez foram batidos.

O jogo produzido pelas duas equipas foi bastante fraco se bem que no primeiro tempo os pombalinos tivessem disfrutado de leve domínio territorial. Da maneira como o encontro decorreu, o empate seria o resultado não só justo, como ainda o castigo para os dois teams que se limitaram a um jogo frio, sem qualquer recorte técnico ou tático, enfim, a uma monotonia a que se não devem e que o público detesta.

Hoje, frente ao Setúbal, os algarvios vão ter tarefa difícil, pois a equipa visitante uma das melhores da zona, não querará perder o contacto com vanguarda da classificação geral.

Jogos para hoje:

Lusitano — Setúbal; Barreirense — Farense; Montijo — Portimonense.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	V.	E.	D.	B.	P.
Barreirense	6	—	—	19-8	12
Setúbal	5	—	1	22-5	10
Farense	5	—	1	15-6	10
Portimon.	5	—	1	15-10	10
Alhandra	4	—	2	20-16	8
C. Piedade	3	1	2	14-6	7
Seixal	3	—	3	17-17	6
Montijo	3	—	3	13-16	6
Sacavenense	1	1	4	10-2	3
Campomaior	1	1	4	6-15	3
Oriental	1	1	4	6-16	3
Lusitano	1	—	5	4-12	2
Olivais	1	—	5	6-15	2
Beja	1	—	5	9-22	2

Rui Nobre



Dr. António Cabreira

(Conde de Lagos)

Missa do 8.º Aniversário

Comemorando o 8.º aniversário do falecimento deste insigne escritor e académico, sua viúva participa a todas as pessoas amigas que manda celebrar missa pelo seu eterno descanso, quarta-feira, dia 22 do corrente, às 9 horas, na igreja de Santa Maria do Castelo, agradecendo muito reconhecida, a todas as pessoas que se dignem assistir a tão piedoso acto.